

ENTREVISTA 2 de abril 2021

# Maria da Graça Carvalho: "Sá Carneiro é a grande referência moral do PSD"

Maria da Graça Carvalho diz que são raros os políticos com o carisma de Sá Carneiro. A eurodeputada do PSD fala da pandemia e do futuro do país. Elogia Rio Rio e admite que ficou 'muito feliz' com a candidatura de Carlos Moedas.



**Francisco Sá Carneiro continua a ser uma referência para o PSD. É com frequência lembrado pelos dirigentes do partido e dado como um exemplo a seguir. O que representa Francisco Sá Carneiro para o PSD?**

Francisco Sá Carneiro é a grande referência moral do PSD. O seu pensamento, os seus valores, são a bússola que nos orienta a posicionar como partido. Um partido fiel aos princípios da social-democracia, do Estado de Direito democrático, aberto ao mundo, atento à economia, determinado nos seus objetivos, mas dialogante e disposto a adaptar-se aos tempos em que se insere.

**O Instituto Francisco Sá Carneiro vai reeditar o segundo volume da coleção de textos de Francisco Sá Carneiro. Estamos a falar do período entre 1973 e 1974. Sá Carneiro renunciou, nesta altura, ao mandato na Assembleia Nacional, mas não deixou de ter intervenção pública. Este período é importante para o lugar de destaque que Sá Carneiro ocupou na vida política depois do 25 de Abril?**

Este é um período relativamente curto, mas de extrema importância para aquele que será o futuro político de Sá Carneiro e do próprio país. Temos de recordar que Sá Carneiro deixou a Assembleia Nacional profundamente desiludido com o desprezo e hostilidade com que são recebidas as propostas de abertura democrática da Ala Liberal. Meses depois, sofreu um grave acidente automóvel, que quase lhe custou a vida, e que lhe exige uma lenta e dolorosa recuperação. Estes condicionalismos levaram-no a contemplar seriamente a hipótese de abandonar a atividade política. Mas não o fez. E essa decisão viria a revelar-se decisiva, não apenas para o seu percurso pessoal, mas para o país.

**O que destacaria da intervenção de Sá Carneiro antes do 25 de Abril, nomeadamente na Assembleia Nacional?**

Sá Carneiro chega à Assembleia Nacional e apanha todos de surpresa. Incluindo quem o convida a desempenhar as funções de deputado. Era inimaginável que alguém, naquelas circunstâncias, começasse imediatamente a denunciar abusos cometidos por organismos públicos, a exigir o fim da censura, a propor a adoção de uma Constituição democrática, a defender a realização de eleições presidenciais livres. Toda a sua intervenção é completamente disruptiva para com o status quo vigente. E toda ela aponta já para o caminho da democracia que Portugal virá a seguir depois. Aliás, muitas das ideias que defendeu naquele período levariam ainda, já depois do 25 de Abril, vários anos a ser concretizadas. Isso diz tudo sobre o impacto que teve.

## **No prefácio deste segundo volume escreve que, em 1973, destacava-se já como um político diferente que ganhou popularidade muito depressa. Que razões explicam esta popularidade?**

Francisco Sá Carneiro tinha uma qualidade muito rara e valiosa num político, que é o carisma. Julgo que não teremos <sup>(1)</sup> tantos casos comparáveis na história da nossa democracia. Mas o seu maior apelo, na minha opinião, era a sua autenticidade, que era reconhecida pelas pessoas. Era um espírito livre, numa altura em que o próprio país ainda não tinha liberdade. Nasceu num meio privilegiado, com todas as condições para prosperar dentro do regime vigente, mas optou sempre pelo caminho mais difícil, seguindo a sua consciência. Não era prisioneiro de agendas ou interesses, fossem estes quais fossem. Isso trazia esperança aos portugueses.

## **O que fazia de Sá Carneiro um político diferente?**

Era essa autenticidade. O facto de ser guiado apenas pela sua própria consciência, sendo ao mesmo tempo capaz de ouvir e de aprender com os outros.

## **Diria que Sá Carneiro era um político de direita, centro-direita ou centro-esquerda?**

Essa é uma pergunta para a qual não existe uma resposta linear. Se pensarmos bem, no próprio PSD, até aos dias de hoje, continuamos a ter diferentes sensibilidades, umas mais à esquerda, as outras mais à direita, e julgo que isso, longe de ser uma incoerência, é uma das nossas riquezas, que herdámos de Sá Carneiro. Na sua matriz, o partido que ele funda é claramente inspirado no modelo das sociais-democracias do Norte da Europa, desde o SPD alemão a Olof Palme, na Suécia. Aliás, quem começou mais à esquerda, e posteriormente fez uma aproximação a essa corrente, foi o PS de Mário Soares. Mas Sá Carneiro nunca foi um político que se deixasse prender por ideologias estanques.

## **O atual líder do partido, Rui Rio, disse que só entrou para o PSD por causa de Sá Carneiro. Depois de o PSD ser criado houve muitas pessoas que aderiram ao partido devido ao carisma de Sá Carneiro?**

Houve muitas pessoas que, não se revendo nas correntes políticas dominantes da altura, nem em muitos dos seus protagonistas, viram no PSD, e particularmente em Sá Carneiro, a grande esperança de garantir que Portugal iria de facto tornar-se num Estado de Direito democrático e plural. Disso, não tenho dúvidas.

## **Ainda hoje é muito lembrada a AD criada por Sá Carneiro, Freitas do Amaral, Ribeiro Telles e o movimento de reformadores. É uma aliança irrepetível?**

Essa foi uma geração de políticos absolutamente notável. Não gosto de utilizar o termo ‘irrepetível’, porque soa quase como fatalista. Poderemos ter ainda outras AD, mas serão diferentes, porque as circunstâncias são diferentes. Uma coisa é certa: vejo em Rui Rio algumas das qualidades importantes de Sá Carneiro, como a frontalidade e o sentido de dever, do que está certo, acima de tudo o resto.

## **André Ventura disse, no congresso do Chega, em Évora, que ‘se Sá Carneiro estivesse vivo hoje acreditava em muitas das coisas’ que ele diz e apresentou-se como ‘o herdeiro dele’. Quer comentar?**

Já tive ocasião de dizer que, de uma forma geral, não considero que as atitudes e intervenções do dirigente desse partido reflitam os ideais e os valores de Sá Carneiro. De resto, são bastante contrárias ao pensamento de Sá Carneiro, que era uma pessoa cosmopolita e inclusiva.

## **Como tem visto a atuação da União Europeia durante a pandemia?**

A atuação da União Europeia deve ser dividida em fases. Uma primeira fase de alguma hesitação, no início do ano passado, numa altura em que muitos – eu incluída – já apelavam a medidas mais decididas, nomeadamente ao nível do investimento no desenvolvimento de terapias e vacinas para a doença. Uma segunda fase em que, a meu ver bem, se tomaram medidas corajosas na frente da resposta económica a esta crise pandémica e se avançou para a contratualização conjunta das vacinas. E a fase em que nos encontramos atualmente, na qual a União está a tentar corrigir o que não tem corrido tão bem, e a aumentar a pressão sobre os fabricantes, um em particular, para que cumpram os contratos assinados.

## **O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, disse recentemente que o processo de vacinação não correu bem na Europa. O que está a correr mal?**

Houve alguns erros de cálculo, de resto já assumidos pela presidente da Comissão Europeia, Úrsula von der Leyen. Sobrestimámos, por exemplo, a capacidade instalada de produção na indústria. Depois, é preciso referi-lo, houve um interveniente em especial – a AstraZeneca – que até agora tem defraudado completamente as expectativas criadas em torno da sua capacidade de resposta, com a agravante de se ver envolvida em incidentes pouco transparentes. Mas,

apesar de tudo, estou otimista de que, reforçando os mecanismos de controlo, e diversificando os meios de produção e até as próprias vacinas utilizadas, seremos capazes de superar as dificuldades.

**Apesar de estarmos a perder tempo. . .** (L)

É de lamentar o tempo perdido, que se traduz em vidas perdidas e em danos económicos.

**Se tudo correr bem vamos voltar a alguma normalidade depois de vivermos um período completamente atípico devido à pandemia. Prevê grandes mudanças nas sociedades a seguir a esta pandemia?**

As nossas sociedades já estavam confrontadas com a necessidade de serem produzidas grandes mudanças, mesmo antes do início desta pandemia. Os desafios da transição climática e da transição digital são estruturais. Irão obrigar todos os setores a fazerem mudanças de fundo. Num certo sentido, a pandemia veio acelerar essa transformação, nomeadamente ao nível do uso que fazemos das tecnologias digitais.

**Algumas alterações, como o teletrabalho, vieram para ficar?**

Provou-se que é possível fazer uma parte substancial do trabalho à distância, sem perda de eficácia e com ganhos significativos, até em termos de impacto ambiental. E muitas empresas e instituições já veem essa forma de trabalhar como uma alternativa a longo prazo, que irá continuar a ser usada para além desta pandemia.

**A Educação também deveria aproveitar para mudar, nomeadamente com a utilização das ferramentas digitais?**

As ferramentas de e-learning continuarão a ser desenvolvidas e cada vez mais utilizadas. Não tenho dúvidas a esse respeito. Tal não significa que se deva desvalorizar a importância do ensino presencial, que é absolutamente fundamental em inúmeras áreas, sobretudo as que envolvem mais trabalho prático, além de ter outras funções, nomeadamente na construção da identidade social do indivíduo.

**Não é consensual, em Portugal, entre a direita e a esquerda a forma como devem ser utilizados os fundos comunitários para responder à crise provocada pela pandemia. Concorda com aqueles que acham que a resposta do Governo está muito concentrada no setor público?**

Os fundos comunitários – e aqui englobamos o plano de recuperação, fundos regionais, programas específicos como o Horizonte Europa – devem ser encarados como um todo, que servirá o fim comum de fazer de Portugal um país melhor. Sim, terão um papel crucial na saída da crise, mas devem ser utilizados e projetados com o médio e longo prazo em vista, até porque estão vinculados aos grandes objetivos da União. Para as transições verdes e digital, para a indústria, para a promoção da coesão social e territorial. Foi essa a visão do PSD, numa agenda estratégica tornada pública e da qual, infelizmente, o Governo fez pouco uso.

**O PSD teria outra estratégia para os fundos comunitários...**

Uma das principais diferenças entre o plano do PSD e do Governo é a prioridade por nós dada ao setor produtivo, nomeadamente às pequenas e médias empresas (PME). No plano de recuperação, choca-me, por exemplo, a falta de atenção dada aos setores cultural e criativo, que são indústrias importantes no país. Mas muitos investimentos entendidos como dirigidos ao setor público são também benéficos para toda a economia. Não apenas na Saúde ou na Educação, mas, por exemplo, ao nível de infraestruturas necessárias para o desenvolvimento. O fundamental é que esses investimentos sejam bem feitos.

**O que gostaria que mudasse no país aproveitando esta oportunidade?**

Gostaria que tivéssemos uma economia mais diversificada, decididamente apostada em tirar partido da ciência e inovação como fator diferenciador, que combatêssemos os fossos regionais, entre litoral e interior, e que aproveitássemos esta transição verde e digital para nos tornarmos mais competitivos enquanto país e mais sustentáveis, não apenas no plano ambiental como no económico. Por exemplo, apostando fortemente em dar competências básicas a toda a população na área digital.